

“Dentro da nossa esplendida chimera, encerramos o mundo d’amanhã”: literatos e poesia libertária nas páginas d’*a Plebe*.

Demetrio Quiros Bello Júnior
demetrio85@gmail.com

Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de São Paulo

Resumo: Além de acompanhar as questões do movimento operário no Brasil e no exterior, *A Plebe* trazia também em suas páginas poesias escritas por literatos ou militantes ligados de alguma forma ao movimento anarquista e operário, que viam na sua literatura, também uma forma de enfrentamento, de combate e luta política ao trazer temas relacionados com as questões sociais de sua época. Ao mesmo tempo, essa produção poética de cunho libertário estabeleceu uma complexa rede de relações com formas culturais das classes dominantes daquele momento buscando ressignificar seus sentidos e expressões. Procuramos então, observar as relações entre as poesias de Max Vasconcellos, Affonso Schmidt, Raymundo Reis e José Oiticica publicadas nesse jornal e as lutas proletárias da Primeira República, assim como de que maneira projetavam as transformações e a nova sociedade que estaria por vir.

Palavras-chave: Poesia libertária; Anarquismo; A Plebe.

**“Within our splendid chimera, we closed the world of’ morning”: literary and
libertarian poetry in the pages of *A Plebe*.**

Abstract: In addition to accompanying the issues of the workers' movement in Brazil and abroad, *A Plebe* also carried in his pages poems written by literati or militants linked in some way to the anarchist movement and workers, who saw in their literature, also a form of confrontation, of Combat and political struggle by bringing themes related to the social issues of his time. At the same time, this libertarian poetic production established a complex network of relations with the cultural forms of the dominant classes of that moment seeking to resignify their meanings and expressions. We look, then, to observe the relations between the poems of Max Vasconcellos, Affonso Schmidt, Raymundo Reis and José Oiticica published in this newspaper and the proletarian struggles of the First Republic, as well as in what way they projected the transformations and the new society that was to come.

Key-words: Libertarian poetry; Anarchism; A Plebe.

Poesia e poetas n'A *Plebe*

A edição do periódico *A Plebe* do dia 19 de abril de 1919 noticia o falecimento do poeta Max Vasconcellos, que publicou algumas de suas poesias neste jornal. Num artigo assinado por Astper⁵⁸ este lamenta a perda do camarada, poeta-anarquista, boêmio:

Morreu Max Vasconcellos. Morreu de tuberculose, num catre de hospital. Era o seu fim previsto. Mas a notícia de sua morte commove-me, acabrunha-me. Fomos companheiros de collegio, camaradas como irmãos e juntos andámos, por longes terras, numa aventura dos vinte annos, sofrendo alegremente as mesmas fomes e os mesmos frios... Depois, cada um de nós seguiu o seu rumo: elle, abandonando-se integralmente à bohemia intellectual, de café em café, de roda em roda, bebericando, pilheriando, declamando versos, e morrendo: eu, nesta trepidação trabalhadora da anarchia (...) Rebelde e insubmisso por índole e educação, à anarchia nossa consagrou elle momentos de sincera contribuição intellectual (...) E eu possuo, confiados à minha guarda fraternal, dois cadernos contendo umas três dezenas de sonetos, escriptos todos em Genova, em 1910-11, ainda ineditos quasi todos. Foi essa a phase permanentemente libertaria da sua produção, a menos dispersiva e na qual se encontrarão alguns dos seus melhores sonetos de forma e de fundo (...)⁵⁹.

Esse texto noticia o falecimento do poeta Max Vasconcellos, que pelo relato de Astrojildo Pereira viveu em Gênova entre 1910 e 1911, momento de maior ênfase em sua vida à produção de cunho libertário e anarquista. Por sinal, ambos conviveram no ano de 1911 na Europa, período iniciado justamente na cidade italiana na qual Astrojildo foi ao encontro de Max. De lá seguiram para Paris e dali para Berna, na Suíça. Em situação financeira difícil, foram repatriados por intermédio da Associação da Colônia Brasileira⁶⁰. Max Vasconcellos nasceu no Rio de Janeiro em 1891, era bacharel em Direito, mas dedicou-se ao jornalismo e às letras. Foi redator de *O Momento*, revisor de *A Gazeta da Manhã*, *A Notícia* e da *Gazeta de Notícias* (todas elas publicadas no estado do Rio de Janeiro) e escreveu poesias em vários idiomas em jornais do Rio e Niterói⁶¹.

⁵⁸ Trabalhamos com a hipótese de que Astper seja Astrojildo Pereira, pois o pseudônimo é formado com as três primeiras letras do seu nome e sobrenome. Astrojildo Pereira foi jornalista e militante anarquista e colaborava frequentemente com textos em *A Plebe*. Em 1922, foi um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil. A prática da utilização de pseudônimos era muito comum na imprensa operária naquele momento. Por exemplo, o poeta Affonso Schmidt que estudaremos neste artigo, por vezes usava o pseudônimo Cottin.

⁵⁹ PEREIRA, Astrojildo. "Max Vasconcellos". *A Plebe*. São Paulo, 19/04/1919, p. 4.

⁶⁰ FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 6ªed. São Paulo: Global, 2004, p. 897.

⁶¹ LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Introdução. In: KOCHER, Bernardo; LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Ouve meu grito*: antologia de poesia operária (1894-1923). Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/Editora UFRJ, 1987, p. 19.

A partir da leitura do excerto citado procurei então analisar as poesias publicadas por Max Vasconcellos e outros literatos e/ou militantes nas páginas d'*A Plebe*, tendo por objetivo responder alguns questionamentos: Quais temáticas eram abordadas? Existia alguma preocupação de se relacionar a defesa dos ideais anarquistas ao movimento da História? De que forma analisar as poesias libertárias veiculadas naquele periódico operário em relação ao movimento sindical e dos trabalhadores de forma geral? Durante a pesquisa e elaboração do artigo, outras questões foram aparecendo tais como: a função exercida pela poesia na propaganda anarquista e o jogo de influências culturais presentes na sua produção. Antes de adentrar na análise específica de todos esses pontos, é necessário um esclarecimento sobre o escopo deste trabalho.

A proposta de elaboração deste artigo está diretamente vinculada a uma das possibilidades de análise de uma das fontes com as quais trabalho na minha pesquisa de mestrado, a imprensa operária. Optei por procurar poesias publicadas em *A Plebe*, identificar suas temáticas e observar suas possíveis relações com o movimento operário em São Paulo no início do século XX.

O jornal *A Plebe* surgiu em junho de 1917 em meio aos acontecimentos da greve geral em São Paulo naquele ano, editado por Edgard Leuenroth, um dos principais militantes anarquistas daquele período⁶². De tendência libertária, trazia artigos sobre diversos assuntos relacionados ao movimento operário, assim como textos de questões teóricas relacionadas às concepções anarquistas e sua relação com o sindicato, o Estado, os trabalhadores; da mesma forma podemos observar debates travados com outras correntes político-ideológicas, tais como o socialismo e o sindicalismo revolucionário. Ao mesmo tempo, *A Plebe* abria espaço para publicação de textos literários tais como contos e poesias, produzidas por literatos ligados de alguma forma à causa libertária. A poesia ocupou grande espaço nas páginas d'*A Plebe*, muitas vezes tendo um teor doutrinário e buscando sensibilizar seus leitores para a causa anarquista⁶³. Mesmo não tendo uma coluna especificamente destinada no jornal para textos poéticos – uma das exceções é a seção “Sinapismos e Cautérios” na qual Affonso

⁶² *A Plebe* surgiu em substituição ao periódico *A Lanterna* – editado por Leuenroth e Benjamin Motta, de caráter marcadamente anticlerical – que existiu entre 1901 e 1916 e voltou a circular entre 1933 e 1935.

⁶³ LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000, p. 109-110.

Schmidt publicou alguns poemas e que abordaremos mais adiante – notamos que quase todas as edições d’*A Plebe* no período observado traziam ao menos uma poesia publicada.

Para seleção das poesias a serem analisadas, segui o recorte cronológico da minha pesquisa. *A Plebe* não foi um periódico de existência linear: após seu lançamento em julho de 1917, foi fechado em outubro daquele ano, para ressurgir em 1919 e daí ter uma longa trajetória – dadas as condições que os jornais operários tinham naquele momento – até 1951 quando foi fechado pela repressão policial⁶⁴. Portanto, procurei observar a partir de 1919 as poesias publicadas e as temáticas privilegiadas, assim como os autores que as publicaram. Acompanhar os autores que publicaram no jornal⁶⁵, relacionar seus dados biográficos às suas poesias e outros registros de sua atuação política, sindical e literária, fornecem importantes subsídios para análise da militância anarquista, assim como das suas práticas e relações com outros sujeitos sociais⁶⁶.

Tendo em vista o volume de poesias publicadas nesse periódico e os limites existentes para escrita deste artigo, optei por concentrar o foco em publicações do ano de 1919 até 1921. O ínterim entre 1917 e 1921 é considerado por parte da historiografia do movimento operário como o de maior ascenso das manifestações dos trabalhadores urbanos na Primeira República, dada a magnitude das greves, protestos e a agudez dos conflitos⁶⁷. A partir disso, podemos questionar: qual era a relação entre as poesias publicadas e as questões sociais vivenciadas pelos trabalhadores naquele momento? De que forma inseriam-se seus autores nos debates e lutas sociais que se travavam? Essas questões são pertinentes quando tomamos a literatura como fonte histórica.

A poesia anarquista tem um caráter marcadamente de enfrentamento, de combate. Os temas veiculados muitas vezes dizem respeito aos ideais, valores e projetos de uma nova sociedade e de luta contra qualquer forma de autoridade e iniquidade social⁶⁸. No curto

⁶⁴ Ibidem, p. 109.

⁶⁵ Algumas poesias publicadas não vinham com o nome do autor. Podemos imaginar que tal expediente era adotado como meio de escapar à repressão policial e empresarial, ou também como forma de contribuir com a causa libertária, sem a preocupação em receber crédito e reconhecimento individual pela publicação dos textos.

⁶⁶ KHOURY, Yara Aun. “A poesia anarquista”. *Revista Brasileira de História*, V. 8, Nº 15, São Paulo, set. 1987/fev. 1988, p. 218.

⁶⁷ Ver CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário* (movimento operário nos anos de 1917 a 1920). 1983. 174 págs. (Dissertação de mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1983, p.1; MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro* (1890-1920). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 162.

⁶⁸ KHOURY, op. cit., p. 217.

recorte estabelecido para este trabalho, procuramos observar as temáticas de maior incidência e a partir de então, efetuar uma análise mais aprofundada. Nesse sentido, trabalharemos com três temas:

- Memória de lutas políticas e operárias;
- Crítica social e formas de manifestação proletárias;
- O anarquismo como projeto de um novo tempo.

Para tanto serão apresentadas e analisadas oito poesias: “Primeiro de Maio” e “Treze de Maio”, de Max Vasconcellos; “A Anarchia” de José Oiticica; os poemas “O Turbilhão”, “Para o Campo!” e um sem título (esses dois últimos publicados na seção “Sinapismos e Cautérios”) de Affonso Schmidt e “À operária” de Raymundo Reis. Cada uma dessas poesias não trata única e exclusivamente de um tema; diferentes assuntos intercalam-se na escrita e é dessa forma que realizaremos a abordagem. Optei ainda por incluir uma poesia de Lírio de Rezende sobre José Oiticica que não foi publicada em *A Plebe*, mas que julgo trazer elementos importantes para nossa análise⁶⁹.

Às barricadas francesas, aos mártires de Chicago e ao fim da escravidão: memórias e símbolos de lutas proletárias

Em muitos momentos de repressão ao movimento operário da Primeira República, os intelectuais anarquistas foram impedidos de atuar e canalizavam sua atuação contra essa exclusão e a favor de estratégias de divulgação de suas ideias⁷⁰.

Portanto, é importante nos determos um pouco mais sobre o valor atribuído pelos anarquistas às artes, à ciência, à educação. O objetivo de uma completa transformação social que visava a igualdade, o bem-estar e a solidariedade entre todos passava fundamentalmente por uma nova concepção de homem. Daí a necessidade de tornar a ciência e a instrução acessível às classes trabalhadoras para o enfrentamento das instituições promotoras das desigualdades econômicas e sociais e na construção da sociedade futura. Os anarquistas

⁶⁹ O título do poema é “Joze Oiticica” e foi publicado originalmente no jornal *Liberdade* em agosto de 1919. Pode ser encontrado em: KOCHER, Bernardo; LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Ouve meu grito: antologia de poesia operária (1894-1923)*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/Editora UFRJ, 1987, p. 105.

⁷⁰ PRADO, Antonio Arnoni. Cenário para um retrato: Ricardo Gonçalves. In: _____ (org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

criaram escolas, centro de estudos e bibliotecas tendo como finalidade a divulgação de um ideário político e de uma educação e moral que se reivindicavam autônomos e distintos do que eram disseminados então pelo Estado, pelo clero e pela burguesia⁷¹.

Nesse sentido, a arte e a literatura assumiam papel preponderante ao dar vazão a cantos contra a injustiça e a opressão, exaltando as potencialidades do homem, que podem ser desenvolvidas por todos⁷². A íntima ligação entre arte e vida em sua plenitude é exposta por Angela Maria Roberti Martins:

Arte e política, arte e vida, em uma só expressão, arte social, cujo objetivo precípua era despertar as consciências e fomentar o espírito rebelde e revolucionário a partir de um duplo movimento: denúncia à luta de classes e seus desdobramentos; e exaltação à revolução, à liberdade, à anarquia. Essa era uma arte crítica e revolucionária, portanto, que se dedicava a dar voz e vez às condições materiais de trabalho, de vida e da luta das classes trabalhadoras e oprimidas, assim como aos sentimentos, aos sonhos, às ideias e aos projetos que o próprio viver comportava e ensinava (...)⁷³

Yara Khoury argumenta que a poesia anarquista tem como uma de suas marcas a constante referência a acontecimentos históricos, tais como, a Inconfidência Mineira, a queda da Bastilha e a Comuna de Paris; essas e outras passagens da História são vistas como expressões de luta de mulheres e homens pela emancipação humana e o poeta torna-se mais um combatente ao sensibilizar-se com elas:

(...) Comprometido ou não com as lutas sociais, ao exprimir a injustiça, a tirania, a opressão, os desejos e as ansiedades humanas, é considerado um combatente pelos libertários. Segundo eles, muitas passagens da História são expressões da luta dos homens pela liberdade, ou em nome dela, e a poesia as canta⁷⁴.

As referências a determinados personagens e fatos da História é constante na imprensa operária e podemos observar isso em charges, artigos e imagens de militantes. Duas poesias de Max Vasconcellos estabelecem ligação direta com alguns acontecimentos

⁷¹ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.42-43.

⁷² KHOURY, op. cit., p. 216.

⁷³ MARTINS, Angela Maria Roberti. "A rebeldia e a arte dos "malditos" anarquistas". *Concinnitas*, V. 1, Nº 24, Rio de Janeiro, 2014, p. 12.

⁷⁴ KHOURY, op. cit., p. 216.

históricos que eram constantemente lembrados no movimento operário. Verificaremos primeiramente o poema “Primeiro de Maio”:

PRIMEIRO DE MAIO

Dia grande e cruel à memória operária,
Hymnos brancos de Paz, hymnos rubros de Guerra,
A Bandeira do Amor que se fez incendiária...

Data fatal que em si ao mesmo tempo encerra
A promessa do Bem ao coração do Pária
E juramentos de Odio aos senhores da Terra!

Olhar perdido além, num horizonte vago,
Num sonho em que se vê o Mundo Comunista,
Ou se lembram talvez os mortos de Chicago!

Grande marco miliario á suprema conquista
Do Paiz Ideal onde se esplaina o Lago
Verde-azul da Concordia a consolar a vista.

Calendimaio! o Sol que te ilumina seja
O ultimo a iluminar as grades da Prisão,
Os muros do Quartel e as fachadas da Igreja;

E amanhã, ao brotar do grande Astro o Clarão,
Que aos seus raios triumpháis o Homem por fim se veja
Sobre a Terra, a cantar, liberto do patrão! ...

Max Vasconcellos.⁷⁵

A publicação de dois poemas de Max Vasconcellos – o outro, “13 de Maio” analisaremos na sequência – foi também uma homenagem póstuma ao poeta. Logo de início observamos o sentido de luta e resistência atribuído à data de grande significado para o movimento operário nos versos: “Dia grande e cruel à memoria operária/Hymnos brancos de Paz, hymnos rubros de Guerra/A Bandeira do Amor se fez incendiária (...)”⁷⁶, assim como a referência a uma *data fatal* que encerraria em si o *juramento de ódio aos senhores da Terra*, aqui identificados com os governos e com os patrões. É possível relacionar a veiculação deste texto de Max Vasconcellos que canta o 1º de Maio como momento de luta e enfrentamento num jornal que acompanhava diretamente a atuação da federação operária, das ligas operárias e sindicatos que em maio deste ano realizaram intensas manifestações na cidade de São Paulo. No Dia do Trabalho, reuniram-se aproximadamente 20.000 pessoas num comício

⁷⁵ VASCONCELLOS, Max. “Primeiro de Maio”. *A Plebe*. São Paulo, 01/05/1919, p. 2.

⁷⁶ VASCONCELLOS, Max. “Primeiro de Maio”. *A Plebe*. São Paulo, 01/05/1919, p. 2.

no Largo da Sé, onde Edgard Leuenroth leu uma moção – aprovada – que criava a seção paulista do Partido Comunista do Brasil (PCB)⁷⁷. No dia seguinte à comemoração do primeiro de maio, iniciou-se um movimento grevista com aproximadamente 10.000 trabalhadores de diferentes fábricas (Sant’Anna, Companhia Nacional de Tecidos de Juta, Calçados Clark, Crespi, entre outras) contra a demissão de um operário da Fábrica Mariângela (de propriedade dos Matarazzo) que tinha discursado no comício da Sé⁷⁸.

Outra referência importante diz respeito às mortes dos trabalhadores de Chicago em conflito com a polícia nas manifestações pela jornada de oito horas de trabalho realizadas em 1886, incluindo a condenação à morte de quatro anarquistas (Spies, Fischer, Parsons e Engels), executados em 1887⁷⁹. O poema de Max Vasconcellos está se referindo também a esses quatro operários mortos. Todos esses confrontos ocorridos em Chicago deram origem à referência do 1º de maio como Dia do Trabalho, data comemorada internacionalmente.

Podemos também depreender como esses escritos ligavam às lutas operárias a um caráter internacional; a causa dos oprimidos não poderia ser compreendida de maneira isolada e fragmentada, e a memória desses acontecimentos ligavam tradições de lutas passadas ao momento atual. Isso fica evidenciado também no poema “13 de Maio”:

13 DE MAIO

13 de Maio! ha perto de trinta anos
 Uma raça gritou ao sol que te dourava:
 - Acabou-se afinal o tempo dos tyrannos,
 Já não ha raça pelo mundo escrava,
 Com a carta d’alforria!
 E emtanto ainda durava e dura a tyrannia..
 O homem negro deixou de ser a propriedade
 Do branco fazendeiro,
 Mas continua entanto o captiveiro
 Do rico sobre o pobre...
 E ha grandes prantos pela Humanidade!

O que nada produz tudo consome;
 E morre no hospital nas prisões ou de fome,
 O productor de tudo...
 E a lei serve de escudo,
 Com sabres e canhões, a toda esta injustiça!
 A lei é, pois, o mal; lute-se contra a lei!

⁷⁷ CAMPOS, op. cit., p. 57.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ LOPREATO, op. cit., p. 21.

E assim como se fez contra o feitor e o rei,
 Faça se contra toda autoridade!
 Em busca de justiça,
 Alcemos a bandeira da equidade,
 Que é a bandeira flammante da Anarchia,
 Como um palio d'amor aberto sobre a vida,
 Numa grande promessa d'harmonia!

Nós, anarquistas, somos a nova éra...
 Dentro da nossa esplendida chimera,
 Encerramos o mundo d'amanhã:
 Quando a lyra, vibrada ao som do malho,
 Cantar os hymnos fortes do trabalho
 A' luz tranquila e morna da manhã

E' com a alma fita neste mundo novo,
 Que vamos despertar no coração do Povo
 Os estos de coragem com que outr'ora,
 Nas praças de Pariz, cantando a Marselheza,
 Levantou contra as armas da nobreza
 A grande barricada redemptora!
 E em breve ha de luzir tambem o dia
 Em que o povo, acordando, em voz sonora,
 Denodado e viril, ha de saudar a aurora
 Com vivas á Anarchia!

Max Vasconcellos⁸⁰

O poema “13 de Maio” vincula diretamente as lutas pelo fim da escravidão ao momento vivido pelos trabalhadores. Contudo, a plena emancipação humana não fora conquistada, pelo que lemos nos versos: “(...) O homem negro deixou de ser a propriedade/Do branco fazendeiro,/Mas continua entanto o captiveiro/Do rico sobre o pobre (...)”.⁸¹ Numa sociedade profundamente injusta, *onde o que nada produz tudo consome*, faz-se necessário lutar contra toda autoridade e a História mostra exemplos: além das lutas dos negros pela liberdade, os revolucionários franceses e suas barricadas redentoras na luta contra a aristocracia. Entre 1890 e o início da década de 1920, o movimento operário brasileiro em suas diversas tendências políticas (anarquistas, socialistas, republicanos, sindicalistas) via na Revolução Francesa um *paradigma* a ser seguido, representando um momento inaugural de ruptura com a antiga ordem, assim como o início de uma nova era, num movimento de evolução histórica.⁸² E aqui é importante situar como o poeta atribui ao Anarquismo o

⁸⁰ VASCONCELLOS, Max. “13 de Maio”. *A Plebe*. São Paulo, 10/05/1919, p. 2.

⁸¹ VASCONCELLOS, Max. “13 de Maio”. *A Plebe*. São Paulo, 10/05/1919, p. 2.

⁸² Cf. BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Nós, Filhos da Revolução Francesa”, a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX.” *Revista Brasileira de História*, volume 10, número 20, São Paulo, mar./ago. 1991, p. 235. Não fica totalmente claro na leitura do poema se a referência de Max Vasconcellos

momento de evolução almejado para a humanidade “(...) Nós, anarquistas, somos a nova era.../Dentro da nossa esplendida chimera (...)/ Em que o povo, acordando, em voz sonora,/Denodado e viril, ha de saudar a aurora/Com vivas á Anarchia!⁸³.

É interessante notar a referência ao 13 de maio no poema de Vasconcellos tendo em vista algumas questões presentes entre os libertários acerca do significado atribuído para alguns acontecimentos históricos na sua propaganda. Conforme Tiago Bernardon, algumas datas tais como o 1º de maio (Dia do Trabalhador), o 18 de março (data que marca o início da Comuna de Paris) e o 13 de outubro (data da execução do pedagogo anarquista Francisco Ferrer y Guardia) tinham apelo simbólico muito maior, pois estavam diretamente relacionadas a feitos protagonizados pela classe trabalhadora e as quais, em muitos momentos foram objeto de confronto com o Estado para sua divulgação e comemoração⁸⁴. Os anarquistas procuraram trabalhar no sentido de subverter uma interpretação simbólica da abolição da escravidão associada à generosidade da princesa Isabel em duas frentes: primeiro em relação à autoria da abolição, e também sobre os seus limites⁸⁵. O segundo item fica claro no início do poema de Max Vasconcellos.

A partir dos versos supracitados, dentro do entendimento de que a anarquia viria a ser o estágio final da evolução humana, cabe o questionamento: Qual papel caberia às massas despossuídas, aos trabalhadores e trabalhadoras nesse processo de transformação social?

Crítica social e as manifestações dos despossuídos

No poema “O Turbilhão”, de Affonso Schmidt podemos observar como esses militantes e literatos libertários vislumbravam as formas – ou pelo menos algumas delas – de levante popular contra as opressões vivenciadas:

é à Revolução Francesa ou à Comuna de Paris, acontecimento histórico bastante lembrado também na imprensa operária da época. O texto faz menção às barricadas que foram muito utilizadas na Comuna, assim como à Marselhesa, canção surgida na Revolução. O mais provável é que a referência seja mesmo à Comuna de Paris.

⁸³ VASCONCELLOS, Max. “13 de Maio”. *A Plebe*. São Paulo, 10/05/1919, p. 2.

⁸⁴ OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. Internacionalismo, raça e nacionalidade na propaganda anarquista durante o processo de formação da classe operária no Brasil. In: GOLDMACHER, Marcela; MATTOS, Marcelo Badaró; TERRA, Paulo Cruz. *Faces do trabalho: escravizados e livres*. Niterói: EDUFF, 2010, p. 188.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 189. Na sequência do artigo, o autor estabelece uma instigante argumentação sobre o tratamento dado pelos anarquistas à questão racial no Brasil e os seus limites.

O TURBILHÃO

Praça de Budapest ao badalar das duas,
A neve esvoaça e cai. Bocejam sentinellas.
Nas torres de São Pedro, á luz das arandelas,
Espiam dois vitraes ardentes como luas.

Silencio e solidão. Mas eis que pelas ruas
Ouve-se o regougar das humanas procelas,
Massas de homens abrindo as rececadas guelas,
De mulheres sem pão, esfarrapadas, nuas!

O escuro mar humano invade a praça,
Rodamoinha, envolve, estronda, ulula, passa
E quando no horizonte as hordas já se somem,

Vê-se alguém que ficou, como viva seentelha,
Mantendo sobre a praça a bandeira vermelha,
Na gloria de existir, no orgulho de ser homem!

Santos, 24-3-919

Affonso Schmidt⁸⁶.

Novamente verificamos o internacionalismo presente na causa libertária, traduzido nos seus versos. Logo de cara a menção à Budapeste, capital da Hungria que estava em meio ao processo revolucionário que iniciara-se na Rússia em 1917 e constituía seus primeiros soviets⁸⁷. *A Plebe* trazia constantes notícias sobre a revolução bolchevique em suas páginas, além de artigos que discutiam várias questões relacionadas às suas possibilidades e problemas.

Affonso Schmidt nasceu em Cubatão (SP) em 1890, falecendo na mesma cidade em 1964. Foi jornalista, poeta, romancista e contista; colaborava com artigos e poemas para *A Plebe* – algumas vezes utilizando o pseudônimo Cottin conforme mencionado anteriormente – e em 1920 assume a direção do jornal *Voz do Povo*, órgão da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro⁸⁸. Integrou o Grupo Comunista Brasileiro Zumbi que em 1919 pretendia vincular-se ao grupo Clarté, movimento surgido na França (que publicava uma revista com o

⁸⁶ SCHMIDT, Affonso. “O Turbilhão”. *A Plebe*. São Paulo, 12/04/1919, p. 2.

⁸⁷ “A Revolução social no centro da Europa”. *A Plebe*. 12/04/1919, p. 3. A edição d’*A Plebe* de 01 de maio de 1919 traz na primeira página uma charge (página inteira) com a figura de uma camponesa – representada num tamanho gigante – que caminha pela Rússia e Hungria contra os adversários da revolução simbolizados por algumas figuras tais como: a imprensa reacionária, as oligarquias, os capitalistas e fura-greves.

⁸⁸ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do movimento operário*: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 150.

mesmo nome), composto por intelectuais como Anatole France, Georges Duhamel e Henri Barbusse, que tinha aproximações com a tradição do socialismo democrático francês e a defesa de ideais pacifistas, como reação aos horrores da Primeira Guerra Mundial⁸⁹. Por ter assumido a direção de um periódico operário, podemos presumir que Affonso Schmidt estava de alguma forma em contato com o movimento operário tendo diferentes experiências nas cidades que viveu: Santos, São Paulo, Rio de Janeiro. Esses dados biográficos de Schmidt ajudam a compreender alguns aspectos desta poesia.

A referência à revolução na Hungria e a menção à bandeira vermelha no penúltimo verso do poema, sugerem simpatia com os ideais comunistas, algo visto também no poema “Primeiro de Maio”, de Max Vasconcellos. Conforme já mencionado, muito se publicava sobre a Revolução Russa n’A *Plebe*, assim como debates sobre aproximações e divergências entre anarquismo e comunismo.

A palavra turbilhão pode assumir o significado figurado de algo que se arrasta de maneira impetuosa e rápida. Esse título sugere uma metáfora para a manifestação dos trabalhadores: uma ventania que redemoinha, envolve, estronda e passa. Homens e mulheres que estão passando fome, com roupas esfarrapadas, num escuro mar humano que invade a praça. Mas qual o potencial revolucionário das massas despossuídas?

Francisco Foot Hardman identifica elementos comuns na análise de alguns teóricos anarquistas tais como Proudhon e Kropotkin que viam a energia revolucionária que poderia destruir o capitalismo localizada nas multidões de despossuídos, na turba, nas massas pobres do campo⁹⁰. Portanto, a potencialidade de transformação radical da sociedade não estava apenas no proletariado urbano:

De qualquer modo, em que pesem os elementos reais em torno dos quais se apoia a desconfiança de Bakunin com respeito ao proletariado moderno de fábrica (basta acompanhar a trajetória reformista da social-democracia, tendo como respaldo a “aristocracia operária”) podemos localizar essa atitude dentro de um padrão comum aos teóricos anarquistas, *que buscam as fontes do élan revolucionário não numa análise de classes, mas numa concepção universalista e abstrata, que resgata a força motriz das mudanças históricas na miséria e desespero das amplas massas de “explorados e oprimidos” (...)*⁹¹.

⁸⁹ HALL, Michael e PINHEIRO, Paulo Sérgio. O grupo Clarté no Brasil: da Revolução nos Espíritos ao Ministério do Trabalho. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 253 e 258.

⁹⁰ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.77.

⁹¹ Idem. [grifo nosso].

Nos poemas de Max Vasconcellos e Affonso Schmidt podemos identificar algumas pistas que se relacionam a essa concepção. Não existe um encaminhamento prático de como se daria essa mudança, mas ela teria de englobar os trabalhadores de diferentes lugares e de diferentes situações; os poemas que lemos até agora não fazem apelo ou menção específica aos trabalhadores urbanos. Conforme assinalado por Foot Hardman, a força motriz das mudanças históricas nessa concepção provém da miséria e desespero das massas exploradas. Os quatro últimos versos do poema “13 de Maio” dão outro subsídio para pensar essa questão: “(...) E em breve ha de luzir tambem o dia/ Em que o povo, acordando, em voz sonora,/ Denodado e viril, ha de saudar a aurora/ Com vivas á Anarchia!”⁹². Existe uma perspectiva de que o povo “acorde” numa aurora que anuncia novos tempos. Esses literatos pensavam no anarquismo – e também no comunismo, como observamos nos textos de Vasconcellos e Schmidt – como projeto a guiar os oprimidos rumo à redenção social. Num poema sem título, publicado na seção “Sinapismos e Cautérios”, Schmidt volta ao tema do ideal comunista como prenúncio de um novo tempo:

(No nosso numero anterior um companheiro inadvertido falou em “Canto do Cysne” em lugar de “Canto do Gallo” que prenuncia a aurora”).

Nesta alegre versalhada
Venho contar ao meu povo
Que uma bandeira encarnada
Drapeja aos ventos, de novo,
Sobre a nossa barricada.

Essa bandeira vermelha
Nunca baixou do seu mastro;
O nosso amor ella espalha,
Hontem – era uma scentelha,
Amanhã – será um astro!

“Canto do Cysne”? Qual, nada...
Deve ser “Canto do Gallo”!
Voz de guerra, voz amada
Que diz “Salve!” ao rubro hallo
Que antecede uma alvorada!

COTTIN⁹³

⁹² VASCONCELLOS, Max. “13 de Maio”. *A Plebe*. São Paulo, 10/05/1919, p. 2.

⁹³ SCHMIDT, Affonso (Cottin). Poema sem título publicado em *A Plebe*. São Paulo, 29/11/1919, p. 1.

No terceiro e no quarto verso vemos referências à bandeira vermelha e a esperança na potencialidade de realização desse ideal, pois se ontem era centelha, amanhã será astro. Chamamos atenção também para dois detalhes: uma é o título da seção na qual Cottin/Schmidt escrevia alguns de seus poemas, “Sinapismos e Cautérios”. Ambas as palavras referem-se ao uso terapêutico e medicinal, o que indica de que forma a sociedade daquele momento poderia ser “curada” e livrar-se das injustiças vivenciadas, sobretudo os trabalhadores.

O outro detalhe é a epígrafe. Cottin faz menção a um texto intitulado “O canto do cysne” (sem identificação de autor) publicado no número anterior de *A Plebe*, que falava das dificuldades de publicação daquele número – que poderia ser o último – devido ao empastelamento sofrido pelo jornal⁹⁴. De forma otimista e bem-humorada, o literato afirma na última estrofe que a causa pela qual lutavam – e o próprio jornal – não viviam o canto do cisne, melancólico e terminal, mas sim o canto do galo, que antecede uma alvorada, ou seja, de um tempo novo, que está por vir.

Por vezes alguns poemas traziam um conteúdo de crítica social às classes dominantes e de denúncia da exploração sofrida pelo trabalhador. Num outro poema de Affonso Schmidt publicado na mesma seção do jornal, verificamos uma crítica à hipocrisia da chamada “grande imprensa”:

“PARA O CAMPO!”

Dizem os jornais burgueses
Que pelo sertão existe
Lugar para os camponeses
Desta cidade tão triste.

E fecham com esta tampa
A caldeira dos apôdos:
Homens! Ide para o campo,
Onde há lugar para todos!

Mas quem taes coisas escreve
De modo tão convincente,
Sem perda de tempo deve
Seguir dos outros à frente,

No emtanto, os taes picaretas,
Sanguesugas do thesouro,
Acham as coisas bem pretas
Mas cá ficam, cheios de ouro.

⁹⁴ “O canto do cysne”. *A Plebe*. São Paulo, 22/11/1919, p. 2.

Eu acho que o campones
Lendo-os, deve ficar (parte ilegível)
E tacalos de uma vez
Para o sertão... mas a pau!
COTTIN⁹⁵

Ainda que os poemas analisados até agora não façam um apelo em particular aos trabalhadores urbanos e sim aos oprimidos e despossuídos de forma geral – independentemente de nacionalidade, gênero, etnia – observamos também que alguns deles dirigiam-se especificamente ao operariado fabril e faziam a crítica do regime de trabalho imposto pelo capital. Um dos exemplos é o poema “À operária” de Raymundo Reis que traz uma significativa contribuição nesse sentido:

À OPERÁRIA

Flôr a se definhar nessa estuía doentia,
Onde impera o Trabalho e reina a Tyrannia,
Onde a Fome voraz canta de sol a sol:
És pela Sociedade infame destinada
A soffrer, trabalhar e morrer estiolada
Sem veres da Alegria o primeiro arrebol...

Nessa furna sem ar e sem luz – a Officina –
A sociedade vil, corruptora, assassina,
Com ferozes grilhões p’ra sempre te prendeu.
E o atroz Capitalismo o teu suor devora,
Como a aguia do Caucaso estraçalhava outr’ora
A carne, a robustez do heroico Prometheu...

Para o mundo actual tu és unicamente
Fonte de exploração, machina inconsciente,
Que trabalha e procria o infeliz que amanhã
Irá minas cavar, servo do potentado,
Frequentar as prisões e hospitaes... e embriagado
Morrer no leito infiel de imunda barregã...

Ó mulher infeliz, luta, trabalha, morre!
Mas o sangue, o suor que da tua frente escorre
Vai formando esse mar de furia e indignação
Em que ha de submergir um dia o Despotismo,
Que ha de fazer nascer da lama deste abysmo
Um mundo mais humano e sem falta de pão!...

RAYMUNDO REIS⁹⁶

⁹⁵ SCHMIDT, Affonso (Cottin). “Para o campo!”. *A Plebe*. São Paulo, 09/04/1921 p. 1.

⁹⁶ REIS, RAYMUNDO. “À operária”. *A Plebe*. São Paulo, 21/05/1921, p. 2. Além de escritor e poeta, Raymundo Reis foi dentista, o que pode ser percebido por alguns anúncios de seus serviços nas páginas d’*A Plebe*. Ao lado Affonso

Chama a atenção inicialmente o fato de ser um texto que trata exclusivamente da condição da mulher operária. Durante quase todo o poema Raymundo Reis canta as agruras da trabalhadora nas fábricas e oficinas e a exploração a que está sujeita sob o capitalismo, destinada que está a somente trabalhar e reproduzir a mão de obra sujeita à mesma situação. Contudo, no final, o poeta vê uma possibilidade de transformação social advinda da luta contra uma situação que vai se tornando insuportável, evidenciada na última estrofe: “Ó mulher infeliz, luta, trabalha, morre!/Mas o sangue, o suor que da tua frente escorre/Vai formando esse mar de furia e indignação/Em que ha de submergir um dia o Despotismo,/Que há de fazer nascer da lama deste abysmo/Um mundo mais humano e sem falta de pão!...”⁹⁷

Notamos até aqui nos poemas analisados, que a História oferece exemplos e referências para as lutas de todos os trabalhadores, que não deve ser travada em âmbito local, nem mesmo nacional. São ausentes referências à organização ou atuação dos sindicatos e das ligas operárias. Entre os anarquistas de São Paulo do início do século XX, existiam diferentes posicionamentos quanto à potencialidade da luta sindical e sua participação nela, haja vista a recusa da participação na política partidária-eleitoral⁹⁸.

Entretanto, a questão da ausência de referência à forma de organização social preconizada pelo anarquismo ou até mesmo sindical nos versos não deve ser extremada, tendo em vista sua função nas publicações da imprensa libertária. Conforme argumenta Claudia Leal, os anarquistas viam na imprensa uma das possibilidades de propaganda do seu ideal junto às classes trabalhadoras. Nesse sentido, mesmo que as publicações literárias trouxessem o convite ao engajamento proposto pelo seu autor ou a denúncia das opressões ditadas pelo capitalismo – para ficarmos somente em dois exemplos – elas não tinham necessariamente a mesma função dos textos em prosa, destinados à exposição e ao debate de assuntos relacionados ao anarquismo⁹⁹.

Schmidt participou do Grupo Comunista Brasileiro Zumbi. Foi fichado pelo DEOPS em 1947 com o prontuário 2.841, enquadrado como comunista. Muitas vezes utilizava pseudônimos, como Beato da Silva, Ruy Rabello e um feminino, Celia d’Ambrosio. Para todas essas informações e uma análise específica do trabalho de Reis sob o pseudônimo Beato da Silva, ver POLETTI, Caroline. “Um beato nada devoto: a escrita profana de Beato da Silva no jornal anticlerical A Lanterna”. *Métis: história e cultura*, V. 15, N. 30, Caxias do Sul, jul./dez. 2016, p. 106.

⁹⁷ REIS, RAYMUNDO. “À operária”. *A Plebe*. São Paulo, 21/05/1921, p. 2.

⁹⁸ Ver TOLEDO, Edilene Teresinha. *Travessias revolucionárias: ideias e militantes em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 299.

⁹⁹ LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916)*. 2001. 276 págs. (Dissertação de mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999, p. 92.

Por vezes, os poemas publicados também tinham a finalidade de entreter, daí a preocupação quanto algumas características desses escritos, como a musicalidade, a harmonia, a emotividade¹⁰⁰. Ao analisar algumas respostas de editores de alguns jornais libertários do início do século XX para interessados em publicar suas poesias, Claudia Leal observa uma preocupação também com a questão estética, o que por sua vez revela um complexo jogo de influências entre a cultura dominante e seus padrões e a produção anarquista. Um exemplo mencionado pela pesquisadora é a relação entre o parnasianismo e a literatura libertária: uma possível apropriação do “jargão parnasiano” pelos libertários seria uma tentativa de colocar a técnica literária a favor da emancipação social e não contra ela; não seria o abandono ou a falta de compromisso com a causa, mas sim, ressignificação dessas expressões culturais e literárias¹⁰¹.

Feitas essas considerações, observamos então que o chamamento para um novo mundo que se anuncia se faz de maneira *abstracta*, como foi assinalado por Foot Hardman, onde percebemos a indignação e a revolta mediante a situação vivenciada pela classe operária sem a preocupação em delinear – nem ao menos esboçar – formas de organização possíveis, algo que poderia ser discutido em outros espaços dos jornais libertários. Passamos então ao último tema a ser analisado, referente à qual projeto de mundo esses poetas cantavam em *A Plebe*.

“Para a anarquia vai a humanidade, Que da anarquia a humanidade vem!”: poesia e advento de novos tempos

Nos poemas analisados anteriormente já podemos notar também a referência a uma nova sociedade, a um novo mundo com o advento da *anarchia*, representada como um novo amanhecer para a humanidade, livre da miséria e da exploração. O poema “A Anarquia” de José Oiticica trata sobre esse ideal:

A ANARCHIA

Para a anarquia vai a humanidade,
Que da anarquia a humanidade vem!

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Ibidem, p. 93-95.

Vêde como esse ideal de acordo invade
As classes todas pelo mundo além.

Que importa que a fracção dos ricos brade,
Vendo que a antiga lei não se mantém?
Hão de ruir as muralhas da cidade,
Que não há fortalezas contra o bem.

Façam da acção dos subversivos crime,
Persigam, matem, zombem, tudo em vão...
A idéa perseguida é mais sublime.

Pois nos rudes ataques á opressão,
A cada heroe que morra ou desanime
Dezenas de outros bravos surgirão.

José Oiticica¹⁰².

José Oiticica (nascido em Oliveira, Minas Gerais em 1882, falecendo no Rio de Janeiro em 1957) foi filólogo e professor¹⁰³ e tomou parte no movimento anarquista quando volta ao Rio após ter sido diretor de uma escola municipal em Laguna (SC). Fez parte da chamada “Insurreição Anarquista” de 18 de novembro de 1918, na qual foi preso em seu escritório junto com outros companheiros¹⁰⁴. Chegou a ser pronunciado como incurso no artigo 107 do Código Penal em março de 1919 (que trata do crime de atentado), escapou do julgamento, mas foi afastado compulsoriamente do Rio de Janeiro, e decide então, seguir para o Nordeste¹⁰⁵.

O poema de Oiticica nos dois primeiros versos afirma que a humanidade caminha para o anarquismo, pois dele ela vem. O literato sugere um momento de retorno a uma condição anterior da humanidade, mas que não deve ser tomada ao pé da letra, visto que Oiticica valia-se de uma série de teorias de diferentes campos do conhecimento científico – tais como a

¹⁰² OITICICA, José. “A Anarchia”. *A Plebe*. São Paulo, 05/04/1919, p.2.

¹⁰³ Oiticica começou a lecionar em 1916 no Colégio Pedro II, um dos mais prestigiados do país.

¹⁰⁴ Certamente a terceira estrofe deste poema faz referência a esse acontecimento da vida de Oiticica. O poema foi publicado em *A Plebe* em 05/04/1919, mas não está datado. Como a data de publicação coincide com o período em que ele sai do Rio de Janeiro, o poema pode ter sido escrito anteriormente, inclusive no período em que esteve preso. Outra possibilidade é que este poema faça parte da sua obra *Sonetos* (2ª Série) publicada em 1919. No poema “Aos companheiros de prisão” de 29/11/1918 publicado n’*A Plebe* (edição de 15/03/1919), Oiticica fala sobre a prisão dele e dos demais companheiros e de como a repressão sofrida mais os fortaleciam, imbuídos que estavam de uma causa de elevado valor moral.

¹⁰⁵ BATALHA, op. cit., p. 116. José Oiticica foi preso novamente em 1924 por sua militância libertária. Posteriormente, tornou-se membro da Fraternitas Rosicruciana Antiqua, chegando a ser grão-mestre dessa instituição.

Física, a Química, a História e as Ciências Sociais – as quais aliava às leituras anarquistas e a sua vivência na militância para formulação de suas propostas¹⁰⁶.

No poema, Oiticica sugere que nesse movimento estariam envolvidas todas as classes, no mundo inteiro. É importante mencionarmos que na visão de Oiticica a matriz dos problemas sociais reside na questão da propriedade privada e das relações de produção preconizadas pelo capitalismo, que prejudicariam todo o processo natural de criação e transformação das energias sociais, físicas, mentais e morais dos homens causando por consequência o mal-estar e sofrimento da humanidade¹⁰⁷. Outro aspecto mencionado por Aden Lamounier que devemos levar em consideração é a grande influência exercida pelo anarquista russo Piotr Kropotkin (fazendo a ressalva de que não foi a única e de que também existiam outras concepções no pensamento anarquista), sobretudo na crença de que o anarco-comunismo e as comunas livres seriam o caminho ideal para o desenvolvimento da sociedade¹⁰⁸.

Verificamos então que Oiticica e Vasconcellos afirmavam sua crença no anarquismo como um ponto de chegada do desenvolvimento dos homens, evocando exemplos históricos de lutas pela emancipação humana. Existe uma aposta de que o futuro da humanidade reside na construção da sociedade ácrata, um ideal que por mais que seja combatido e difamado não pode ser detido. Essa sociedade daria forte valoração ao trabalho como Vasconcellos afirma num de seus versos e realizaria plenamente a potencialidade humana para Oiticica, visto que ela caminha para o anarquismo, pois é proveniente dele, num processo irreversível, no qual não de ruir algo as condições de desigualdade e exploração (que não são naturais) impostas pelo capital e que bloqueiam a realização da plenitude humana.

Durante o poema, Oiticica trata o avanço de sua causa como algo relacionado ao bem, contra o qual não poderia haver fortalezas ou muralhas que a detivessem, dando valoração moral à luta política. Esse aspecto também foi observado por Antonio Candido ao relatar sua convivência com Edgard Leuenroth:

Através dele pude sentir a extraordinária fidelidade dos anarquistas daquele tempo às suas convicções; a tenacidade com que as defendiam pela vida afora, mantendo elevada a temperatura da paixão libertária. E também a retidão com que viviam –

¹⁰⁶ LAMOUNIER, Aden Assunção. *José Oiticica: itinerários de um militante anarquista (1912-1919)*. 141 págs. (Dissertação de mestrado em História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011, p. 70.

¹⁰⁷ Sobre esse ponto do pensamento de Oiticica e a sua elaboração ver *Ibidem*, p. 66-69.

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 64-65.

honestíssimos, puritanos, achando que os valores morais eram requisitos da revolução social e abominando o maquiavelismo da vida política.¹⁰⁹

Nesse ponto, gostaria de me deter a algumas possibilidades de como podemos entender os escritos desses literatos num periódico operário e vinculado à causa libertária. Como foi observado pelas informações biográficas de Vasconcellos, Schmidt, Reis e Oiticica, nenhum deles é de origem proletária – Oiticica, inclusive era proveniente de uma família de políticos em Alagoas, cursou Direito e Medicina (sem concluí-los), num momento em que poucas pessoas tinham acesso ao ensino superior no Brasil. Pela formação de cada um deles, detinham conhecimento estético e o demonstravam na sua escrita, mesmo que não fosse essa a preocupação primária dos textos.

Além desses elementos biográficos sugeridos para análise por Yara Khoury, procuramos relacioná-los aos *indícios* presentes nos seus escritos, tomando essa forma literária escolhida publicada na imprensa operária. As reflexões de Carlo Ginzburg sobre o paradigma indiciário na análise histórica nos ajudaram como procedimento metodológico¹¹⁰.

Voltando a menção que fizemos ao texto de Yara Khoury, observamos que a poesia anarquista, tinha um caráter nítido de combate, de enfrentamento. Esses intelectuais viam nos seus textos expressões de uma luta maior em curso – de caráter universal – num projeto político que tinha um ponto de chegada. Por isso a publicação de seus textos num jornal que acompanhava intimamente as lutas dos trabalhadores e as temáticas escolhidas, sempre relacionadas de alguma forma as lutas populares do passado ou do presente em que viviam. A militância política caminhava ao lado da literatura, sobretudo nos casos de José Oiticica, Raymundo Reis e Affonso Schmidt¹¹¹. Inclusive, podemos perceber a liderança de José Oiticica no movimento operário (especialmente no Rio de Janeiro) pela literatura produzida naquele período, como no soneto de Lírio Rezende:

JOZE OITICICA

¹⁰⁹ CANDIDO, Antonio. Sobre a retidão. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 15.

¹¹⁰ GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 157.

¹¹¹ Temos como indício para essa afirmação a inclusão dos nomes desses dois literatos na obra já referida *Dicionário do Movimento Operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*, organizada por Cláudio Batalha. Oiticica e Schmidt possuem verbetes na seção militantes, o que nos indica também sua ligação com o movimento operário além de alguns aspectos de suas trajetórias biográficas que foram informadas ao longo do texto.

Neste imenso Brazil, tenho certeza,
Não existe sociólogo fecundo
Como tu que revolves bem no fundo
Os contrastes da iniqua lei burgueza

Na muza, tens rebelde pira acêza,
Na proza o dardo firme e furibundo,
Se arremetes com força contra o Mundo,
É para lhe extrair toda a impureza!

Lenine brasileiro, te chamavam;
– Parvos! – se julgam que te melindraram
Mais elevaram teu afoitamento...

Já vem de lonje a bulha que moveram
Contra ti, certos mestres, que perderam
Quando os venceste a golpes de talento!...¹¹²

O poema enaltece a grande capacidade intelectual de Oiticica e o defende da comparação feita com Lênin, que teria sido de tom pejorativo. Para Lamounier, a leitura desse poema pode mostrar que a cisão entre anarquistas e socialistas devido aos desdobramentos da Revolução Russa já era conhecida no Brasil¹¹³. No caso de Max Vasconcellos, é mais provável sua simpatia pela causa libertária, sem se envolver diretamente com alguma forma de organização, pelas informações que dispomos e do relato de Astrojildo Pereira apresentado no início do artigo.

Nesse ponto entendo ser oportuno trabalhar com a noção de *diálogo-tensão* elaborada por Bernardo Kocher para analisar a produção literária – sobretudo poética – dos meios operários na Primeira República. Pois na medida em que absorvia valores culturais e morais impostos pelas classes dominantes, esses valores passavam por um processo de reelaboração. Esse diálogo-tensão seria uma tentativa de estabelecer um contato no debate com as elites, impondo-se e utilizando-se das letras da mesma forma, mas numa nova reconfiguração, buscando reconhecimento social dos trabalhadores e também para

¹¹² REZENDE, Lírio de. “Joze Oiticica”. In: LOBO, Eulália Maria Lahmeyer; KOCHER, Bernardo. *Ouve meu grito: antologia de poesia operária (1894-1923)*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/Editora UFRJ, 1987, p. 105. De acordo com Eulália Lobo existem poucas referências biográficas sobre Lírio de Rezende. Teria sido livreiro e militante anarquista desde jovem no Rio de Janeiro. Escreveu poesias para os jornais *Voz Cosmopolita* e *Liberdade*, elegendo como principais temáticas a organização operária, a liberdade e a rebelião dos oprimidos.

¹¹³ LAMOUNIER, op. cit., p. 88.

desmistificar alguns estigmas tais como os de desordeiros, preguiçosos ou de indivíduos perigosos construídos no discurso dominante para desacreditar as lutas trabalhistas¹¹⁴.

E é justamente o que observamos pelo volume de poesias produzidas por militantes e/ou literatos nas primeiras décadas do século XX e veiculadas na imprensa operária (em seus diversos matizes) do qual nosso texto traz uma pequena amostra, dados os limites de um artigo. Poesias que por muitas vezes observavam certo rigor estético na forma e escritas por indivíduos que circulavam nas rodas literárias como, por exemplo, no caso de Affonso Schmidt e Max Vasconcellos, ou de uma sólida formação acadêmica, tal como Oiticica, proveniente também de família abastada. E que traziam nos versos a denúncia e o questionamento da lógica do capital e a esperança de um novo mundo a se construir, moldado pelos valores e ideais anarquistas.

Considerações Finais

Nosso trabalho teve a intenção de analisar possíveis relações entre a poesia publicada num periódico operário, aqueles que as escreveram e as manifestações dos trabalhadores urbanos em São Paulo na Primeira República.

Delimitamos a escolha de alguns poemas publicados em *A Plebe* de 1919 a 1921. Como salientado no início do artigo, esse periódico caracterizou-se também por publicações literárias ligadas à causa libertária que oferecem possibilidades de um estudo mais aprofundado acerca de suas temáticas ao longo dos anos de sua existência.

Procuramos observar os temas recorrentes, os autores que os publicaram, relacionando os indícios presentes nos textos às trajetórias biográficas daqueles, e também questões conjunturais do movimento operário naquele momento. Inicialmente, percebemos a importância dada às lutas populares e operárias passadas, tais como a Revolução Francesa, a Comuna de Paris, o Dia do Trabalho, a Abolição da Escravidão. Esses acontecimentos eram vistos como exemplos que inspirariam as lutas atuais, sendo consideradas como marcos pela emancipação da humanidade. Por sinal, esses escritos sempre traziam à tona o caráter internacional das lutas proletárias.

¹¹⁴ KOCHER, op. cit., p. 30-31.

Não havia um apelo claro quanto às formas de organização específicas, nem a um sentimento de classe. Para aqueles literatos as possibilidades de revolta e transformação social viriam daqueles que sentiam mais proximamente as penúrias e os sofrimentos da miséria, não somente do proletariado urbano e/ou fabril e sim de todos os explorados, indiscriminadamente. Porém, estes deveriam ser conscientizados para assumirem a causa de sua libertação, na qual os anarquistas assumiriam um papel muito importante.

Tudo isso tinha em vista a construção da sociedade futura, como no caso do poema de José Oiticica, em que a humanidade caminhava para a anarquia, pois era proveniente dela toda sua potencialidade, obstruída pelas relações sociais e de produção instauradas pelo capitalismo. Essa expectativa estava respaldada por uma crença na razão e na ciência, que por sinal estava presente em toda a esquerda entre a virada do século XIX e início do século XX¹¹⁵. Existia também uma valoração moral nesse objetivo, identificado como o advento do bem e das virtudes humanas.

Por fim, gostaríamos de destacar os quatro intelectuais que abordamos em nosso trabalho. Estes viam seus textos como uma parte de sua militância, e também eram vistos dentro do movimento dessa forma. Para os anarquistas, a arte e a literatura eram vistas como integrantes da plena capacidade de realização do ser humano e formas de combate social. Nesse contexto, a poesia adquiriu importante papel na propaganda anarquista, ainda que não fosse sua única e exclusiva função dentro dos periódicos. A partir das observações de Claudia Feierabend Leal sobre as complexas relações de influência entre a produção literária anarquista e a cultura dominante e da noção de diálogo-tensão proposta por Bernardo Kocher, vimos que esses literatos se apropriaram de alguns desses elementos de forma e estética para ressignificá-los na tentativa de comunicar-se com outros estratos sociais no intuito de desfazer os estigmas postos sobre a classe trabalhadora, assim como de obtenção do seu reconhecimento social e de sua cidadania.

¹¹⁵ TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 43.

Referências Bibliográficas

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Nós, Filhos da Revolução Francesa”, a imagem da Revolução no movimento operário brasileiro no início do século XX. *Revista Brasileira de História*, V. 10, Nº 20, São Paulo, mar./ago. 1991.

_____ (org.). *Dicionário do movimento operário*: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

CAMPOS, Cristina Hebling. *O sonhar libertário* (movimento operário nos anos de 1917 a 1920). 1983. 174 págs. (Dissertação de mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1983.

CANDIDO, Antonio. Sobre a retidão. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil*: memória, lutas, cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e progresso*. 6ª ed. São Paulo: Global, 2004.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

HALL, Michael e PINHEIRO, Paulo Sérgio. O grupo Clarté no Brasil: da Revolução nos Espíritos ao Ministério do Trabalho. In: PRADO, Antonio Arnoni (org.). *Libertários no Brasil*: memória, lutas, cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Pátria, Nem Patrão!* Vida operária e cultura anarquista no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

KHOURY, Yara Aun. “A poesia anarquista”. *Revista Brasileira de História*, V. 8, Nº 15, São Paulo, set. 1987/fev. 1988.

KOCHER, Bernardo; LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Ouve meu grito*: antologia de poesia operária (1894-1923). Rio de Janeiro: Editora Marco Zero/Editora UFRJ, 1987.

LAMOUNIER, Aden Assunção. *José Oiticica*: itinerários de um militante anarquista (1912-1919). 2011. 141 págs. (Dissertação de mestrado em História). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Anarquismo em verso e prosa*: literatura e propaganda na imprensa libertária em São Paulo (1900-1916). 2001. 276 págs. (Dissertação de mestrado em Teoria Literária). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Estudos brasileiros, volume 34).

MARTINS, Angela Maria Roberti. “A rebeldia e a arte dos “malditos” anarquistas”. *Concinnitas*, V. 1, Nº 24, Rio de Janeiro, set. 2014.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. Internacionalismo, raça e nacionalidade na propaganda anarquista durante o processo de formação da classe operária no Brasil. In: GOLDMACHER, Marcela; MATTOS, Marcelo Badaró; TERRA, Paulo Cruz. *Faces do trabalho: escravizados e livres*. Niterói: EDUFF, 2010.

POLETTI, Caroline. “Um beato nada devoto: a escrita profana de Beato da Silva no jornal anticlerical A Lanterna”. *Métis: história e cultura*, V. 15, Nº 30, Caxias do Sul, jul./dez. 2016.

PRADO, Antonio Arnoni. Cenário para um retrato: Ricardo Gonçalves. In: _____ (org.). *Libertários no Brasil: memória, lutas, cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário: trabalhadores e militantes em São Paulo na Primeira República*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. *Travessias revolucionárias: ideias e militantes em São Paulo e na Itália (1890-1945)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

Recebido em 20 de janeiro de 2017.

Aprovado em 27 de maio de 2017.